

REJEITO, ARTE E ALEGORIA

REJECT, ART AND ALLEGORY

80

Michael Abrantes Kerr¹

Bettina Lauterbach²

Resumo

Na arte urbana, um artista experimenta o uso de rejeitos e resíduos na texturização de grafites. Busca-se, sob esta perspectiva, descrever e refletir sobre os efeitos que estas práticas produzem em seu público, no que diz respeito à formulação de suas identidades culturais e à maneira com que estas se relacionam com o espaço urbano. Através do estudo de caso, dados coletados possibilitaram analisar em suas intervenções também os conceitos de consumo crítico, sustentabilidade e responsabilidade compartilhada. O potencial provocador, questionador e reflexivo dos painéis de grafite texturizados do artista Artur Bordallo II é fortalecido pela qualidade de seus insumos, rejeitos e resíduos encontrados em áreas urbanas. Artur Bordallo II nos impacta com o óbvio, a necessidade e urgência de um novo olhar para esta questão. Na natureza tudo é insumo, na arte este insumo se transforma em reflexão e nos questiona sobre a continuidade dos processos.

Palavras-chave

arte urbana, meio ambiente, consumo, responsabilidade compartilhada

¹ Doutor em Ciências da Comunicação pela UNISINOS na linha Mídias e Processos Audiovisuais (2015). Possui mestrado em Ciências da Comunicação pela UNISINOS, na linha de Mídias e Processos Audiovisuais (2008), especialização em informática na educação (2005) e graduação em Publicidade e Propaganda pela Universidade Católica de Pelotas (1996). Atualmente é professor Adjunto e Coordenador dos cursos de Cinema e Audiovisual e de Cinema de Animação da Universidade Federal de Pelotas . Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Cinema, atuando principalmente nos seguintes temas: cinema, audiovisual, semiótica, artes, comunicação social, propaganda e publicidade. (CV: <http://lattes.cnpq.br/3111614571120324>)

² Possui graduação em Engenharia Química pela Universidade Federal do Rio de Janeiro(1993). Tem experiência na área de Artes, com ênfase em Teatro. (Texto gerado automaticamente pela aplicação CV: <http://lattes.cnpq.br/3276887447299097>)

Abstract

In urban art, an artist tries out the use of trash and residues in the texturing of graffiti. From this perspective, the aim is to describe and reflect on the effects that these practices produce on their audience, with regard to the formulation of their cultural identities and the way in which they relate to the urban space. Through the case study, collected data made it possible to analyze the concepts of critical consumption, sustainability and shared responsibility in their interventions as well. The provocative, questioning and reflective potential of artist Artur Bordallo II's textured graphite panels is strengthened by the quality of its inputs, tailings and residues found in urban areas. Artur Bordallo II strikes us with the obvious, the need and urgency for a new look at this issue. In nature, everything is an input, in art this input is transformed into reflection and questions us about the continuity of processes.

Keywords

urban art, environment, consume, shared responsibility, cultural identities

Do começo

O grafite faz parte do contexto da arte urbana, é uma das grandes vertentes na contemporaneidade e faz parte de um amplo movimento cultural, artístico, internacional e muito impactante. Artur Bordalo II, nascido em 1987, é grafiteiro e artista plástico português, reconhecido internacionalmente, apresenta uma longa trajetória de intervenções de sucesso desde 2011. Muitas de suas obras estão espalhadas pelas ruas de Lisboa em Portugal, do trivial ao óbvio, defende principalmente a bandeira do ativismo ambiental, utilizando com este objetivo, materiais descartados que encontra pelos arredores, em depósitos de lixo e fábricas. Materiais abandonados que deveriam estar descartados adequadamente, é um dos seus critérios no processo de escolha.

Uma parceria interessante entre a arte urbana, rejeitos e resíduos descartados e o meio ambiente é sua proposta principal. Como autor de inúmeros painéis de grafite texturizados tridimensionalmente pelo uso de materiais descartados, sua trajetória alcançou rapidamente o

sucesso e dá ao grafite o status de arte consumível além da esfera de resistência social e clandestinidade no qual normalmente este está inserido. Como iniciou seus trabalhos com grafites ilegais até alcançar a popularidade, é quando seus trabalhos e intervenções passam a ser demandados, solicitados, que a lógica se desdobra, de ilegal à consumido oficialmente, abordando sempre o consumo desmedido e como este impacta diretamente o meio ambiente.

O poder de comunicação de seus diversos trabalhos e grafites reflete uma preocupação comum, seu foco de trabalho é sempre o meio ambiente, ao texturizá-los ele potencializa sua mensagem, sugere o debate social de forma objetiva, cumprindo seu papel como obra de arte e ou alegoria.

Os rejeitos e resíduos descartados inadequadamente pelas ruas encontraram então seu lugar na arte urbana. Suas obras, abordando especificamente o risco de extinção de diversos animais, promovem a discussão de conceitos como sustentabilidade, consumo crítico e responsabilidade compartilhada. Na sua opinião, a forma como consumimos influencia nosso equilíbrio ambiental e esta reflexão promove uma discussão sobre as tendências para um futuro a curtíssimo, médio e longo prazo. Que futuro deixamos para as próximas gerações além da consciência de que é preciso mudar. De que forma e em que momento, no futuro, este relacionamento com o meio ambiente terá como objetivo também a preservação?

Na contemporaneidade, percebemos ser cada vez maior, a influência do ser humano no equilíbrio de seu meio ambiente, rejeitamos, descartamos, e produzimos “lixo”. Rejeitos descartados. O “lixo” nosso de cada dia nos dai hoje. Há quem questione se mazela ou benesse num mundo moderno onde o consumo é defendido e encorajado fortemente. Não há quem não produza algum tipo de rejeito em seu dia a dia. Em contrapartida ao livre consumismo, há o consumo crítico que fortalece a definição do que é necessário de fato, do que é fundamental, levando em consideração fatores ambientais e sociais. Consumir apenas o necessário, mas entender o que é necessário de fato é fundamental para nossas escolhas. Movimentos sociais pedem um pouco mais de calma, “*slow fashion*”, “*slow food*”, fortalecendo outras formas de consumo, valorizando assim os relacionamentos humanos que movimentam essa engrenagem de produção, dando valor ao tempo de produção e como este é valorizado para o sujeito da ação.

O que consumimos, por qual razão consumimos e se de fato precisamos consumir. Reduzir, reutilizar, repensar, reciclar.

Como idéia principal, a responsabilidade compartilhada tem como objetivos explícitos reduzir a geração de descartes sólidos, do desperdício de material, da poluição, dos danos ao meio ambiente, estimulando assim os mercados a fabricar, comprar e consumir produtos recicláveis, estimulando os consumidores por sua vez a pensar em embalagens, origem, mão de obra utilizada, matérias primas, reuso de insumos e necessidade real. Muitas vezes tais iniciativas, por promoverem essa interação com o contexto da questão ambiental, são valorizadas financeiramente pelos consumidores, que num sentido amplo se sentem pertencentes no compartilhamento de responsabilidades.

Voltando ao grafite texturizado, percebe-se que o potencial desta ferramenta na discussão de questões ambientais ainda é desconhecido, não explorado no Brasil nesse formato específico (usando o rejeito descartado), apesar do seu impacto, abrangência e demanda internacional. Diferente do grafite em si, intervenções assim apresentam maior durabilidade, é a execução de um projeto, com uma logística definida na escolha e colocação das peças em função dos materiais utilizados, permitindo um maior tempo de exposição, alcance de público e difusão dos contextos inerentes. Há um processo criativo, de planejamento e operacional muito bem estruturado e detalhado, que sustenta tais intervenções.

Em 2018, o artista Artur Bordallo II esteve no Brasil, quando as cidades de São Paulo, Campinas e Rio de Janeiro ganharam uma de suas obras de arte. Em São Paulo, um enorme bicho-preguiça confeccionado com materiais descartáveis e pintura, está exposto permanentemente em frente ao Terminal da Lapa (Rua Guaicurus), na Zona Oeste, uma das regiões mais movimentadas da cidade. Além desta, Artur Bordallo II também desenvolveu um lobo-guará e uma arara, que estão nas cidades do Rio de Janeiro e de Campinas (acervo particular), respectivamente.

Figura. 1 - Bicho preguiça - SP – 2018



Fonte: Acervo do artista no facebook (<https://www.facebook.com/BORDALOII>)

Figura. 2 - Lobo Guará - Rio de Janeiro - 2018



Fonte: Acervo do artista no facebook (<https://www.facebook.com/BORDALOII>)

Atualmente uma coleção de pinguins intitulada “Magellanic Penguins”, confeccionada por Bordalo II está em exposição na feira EXPO 2020, no distrito de sustentabilidade, em Dubai nos Emirados Árabes, representando os 500 anos de navegação portuguesa em homenagem ao

navegador Fernão de Magalhães. Portugal é conhecido pela atenção dada ao que chama de Economia Azul, proveniente dos oceanos. Esta edição da feira foca sua temática nos conceitos de inovação, mobilidade e sustentabilidade para o futuro. As peças expostas confeccionadas com resíduos plásticos de alta densidade coletados em todos os mares já navegados por Portugal, todos recicláveis se direcionados fossem aos locais corretos de descarte, têm um objetivo específico de alerta, mostrando-nos a poluição como uma importante ameaça às quais os oceanos estão atualmente sujeitos e da real necessidade de um relacionamento mais sustentável a longo prazo, a ser repensado pelas gerações futuras. Mais uma vez a arte é demandada como representação, como alegoria, nos confrontando com uma real necessidade. Das 18 espécies de pinguins existentes no planeta, a União Internacional para a Conservação da Natureza (IUCN) considera que mais da metade dos pinguins atualmente está ameaçada de extinção, principalmente pela pesca predatória que reduz drasticamente seu alimento e pelas mudanças climáticas que destroem as geleiras, seus principais habitats.

Estruturação do trabalho

Como metodologia, o estudo de caso foi o escolhido. Sua obra, o estudo de seu método, os critérios utilizados, seu processo de criação assim como as novas perspectivas comerciais ofertadas em função deste poder de comunicação ampliado e inúmeras reflexões possibilitadas, incitam questionamentos muito atuais.

Se existe um significado neste grafite texturizado ou intervenção, e esta mensagem está direcionada às questões ambientais, quanto valor foi agregado? Quais as mensagens sugeridas? A que tipo de público é direcionado uma vez que a degradação ambiental é um alicerce de sobrevivência que a todos sustenta? Valores assim não são mensuráveis, mas suas formas de impacto são importantes. Educar o olhar, educar o ser humano. A educação constrói significados e são pessoas que, a partir destes, modificam os padrões da nossa sociedade.

O objetivo principal da pesquisa é investigar e compreender como o descarte é utilizado pelo artista em seus processos de criação, desde sua origem, composição e aplicabilidade de materiais. Todas as escolhas ocorrem em função da mensagem a ser transmitida. Assim, a

pesquisa é exploratória e explicativa por natureza, adequada à utilização do método de estudo de casos porque o fenômeno é contemporâneo e investigado em seu contexto real.

O que veio antes?

No contexto brasileiro, o grafite surgiu em meados da década de 1970, principalmente na cidade de São Paulo, com as intervenções realizadas pelos artistas Alex Vallauri, Carlos Matuck, John Howard, entre outros. Foram pioneiros nesta área, experimentaram e criaram um ambiente único, no uso do espaço público que se fortaleceu ao longo do tempo. Estes artistas conseguiram manter uma produção de rua e fazer seus registros fotográficos, com o intuito de manter uma qualidade gráfica sobre o grafite e afirmar suas conquistas em espaços públicos. Entretanto, aos poucos, museus e colecionadores apropriaram-se dessa produção independente, gerando reconhecimento comercial para os artistas envolvidos e ampliando assim, também, o espaço de ocupação.

Ao acompanhar o trabalho deste artista especificamente há alguns anos, é nítido o fato de que há um impacto muito positivo, gerado por suas intervenções, pois surgem novas intervenções, agora demandadas, em eventos de grande porte como a Expo 2020 em Dubai, por exemplo. Da clandestinidade ao consentimento demandado, seu acervo cresce em número de intervenções, diversidade de materiais utilizados e impacto causado.

De rejeito à insumo

A conceituação de uma forma simples, de rejeito e resíduo é bem definida. É considerado rejeito qualquer material palpável que ainda se presta a algum tipo de uso e considera-se resíduo qualquer material palpável que não se adequa mais a nenhum tipo de uso. Tudo é descartado, resta considerar qual a forma de descarte é de fato apropriada. Se na natureza tudo é insumo de algo e dá continuidade ao ciclo, transformar rejeitos e resíduos em insumos dentro da arte, gerando a esperada reflexão e debate para a modificação futura do todo que a todos pertence é um diferencial. Diferencial este presente em todas as obras de Artur Bordalo II.

Os murais de grafite iniciaram dentro do contexto da clandestinidade, nas periferias, dentro da legalidade ou não, não há neutralidade, há uma relação de confronto, de medir forças, de disputar o espaço público para transmitir sua mensagem através da arte. Em toda relação de poder há força e resistência em questão. Toda relação de luta apresenta seus lados de interesse e estratégias dentro de cada comunidade. Para Foucault (1979, p.12) cada sociedade tem seu regime de verdade, sua "política geral" de verdade, isto é, os tipos de discurso aceitos e que como verdadeiros, funcionam. Os meios pelo qual cada um deles é validado é baseado no *status* daqueles que estão encarregados de dizer o que conta como verdadeiro.

Com referências sexuais, políticas e estéticas, grafites são expressões do modo de vida e pensamento de grupos que não dispõe de circuitos comerciais políticos e da mídia de massa para se posicionarem. Com um traço manual e espontâneo, o grafite contrapõe-se à publicidade e às legendas políticas visualmente estruturadas e organizadas, provocando-as, o grafite afirma território, mas abala as coleções de bens materiais e simbólicos. (CANCLINI, 1997, p.24)

Ao texturizar seus grafites e intervenções, Artur Bordalo II confronta, ocupa espaços públicos, usa rejeitos, tira o curativo da nossa passividade, oportuniza o debate sobre o consumo desmedido nos mostrando que há afrontamento entre este e a degradação ambiental proveniente. Apesar de inevitável, o consumo além, desmedido, exagerado, pode e deve ser debatido em pautas múltiplas na cultura e educação, assim como o destino final de rejeitos e resíduos descartados, nossa sociedade pouco questiona, entretanto muito não é descartado de forma apropriada, apenas conveniente. E entre o conveniente e o apropriado, surge a degradação ambiental.

Como trazer significado à uma imagem. Como traduzir impacto. O que é descartado de forma inadequada forma regiões concentradas que prejudicam todo o entorno. A introdução destes materiais para a representação de um conceito ou ideia agregou viabilidade, facilitou o

entendimento se transformando em alegoria, dando ao grafite a possibilidade do exercício de cidadania.

O grafite pode ser considerado como recurso da linguagem, no sentido de tentar gravar sinais de referência em uma cidade que tende a duplicar infinitamente a sua paisagem, processo pelo qual o sujeito deixa no exterior as marcas da transformação sub-epidérmica que o acompanha, declarando limites para evitar a psicastenia e, com isso, completar a formação de sua identidade (Olalquiaga, 1998, p.25).

88

Alegorias contam histórias

A alegoria é uma figura de linguagem, um recurso, ela fala, traz significado diferenciado à imagem que passa e sua mensagem reverbera em quem a de alguma forma a consome. Tem persuasão, é de uso retórico, convence. Te transmite solidez na conceituação que representa, virtualização do significado, transmitindo um ou mais sentidos além do literal. Vai muito além do que se vê. Ao usar materiais oriundos de rejeitos e descartes, o autor ultrapassa apenas o abandono (ou descarte) de objetos, ele insere também um sentido plástico, uma tridimensionalidade ao trabalho que ultrapassa o padrão plano do grafite convencional. Os materiais utilizados trazem relevos e contornos à imensidão de um painel vazio que os acolhe. O rastro dos poucos animais existentes em risco de extinção, vulneráveis, prevalece então sobre a ruína inerente à imagem que o uso do rejeito descartado constrói. Suas intervenções eternizam imagens de animais em breve extintos pela própria composição e constituição dos materiais utilizados nestas intervenções, quando descartados de forma desordenada em nosso meio ambiente. O que Artur Bordalo II representa através de suas alegorias, intervenções, em breve será ruína, o prenúncio do que chamaremos de “preço do progresso inevitável”, mas e se? Há uma dupla mensagem sendo transmitida. O grafite texturizado é uma alegoria que conta uma história a ser finalizada. De uso retórico, tal grafite texturizado transmite uma mensagem também relacionada com a oratória e dialética, e remete para um grupo de normas que fazem com que um orador comunique com eloquência, cujo objetivo é expressar ideias de forma mais eficaz e bonita, sendo também responsável pelo aumento da capacidade de persuasão e impacto.

Histórias que reverberam no então imaginário, inconsciente coletivo, público. E que histórias a serem contadas para as gerações futuras, estamos contando além de uma forte crítica social? O grafite interfere na paisagem da cidade, transmitindo diferentes ideias e também na história que construímos, em si.

Figura.3



Figura.4



Figura.5



90

Figura.6



Figura.7



91

Figura.8

Figura.9



A ruína, a história e o futuro

Ao utilizar descarte urbanos, o artista tem vastas possibilidades de uso de uma gama enorme de materiais como objetos abandonados, desperdícios e refugos de obras. Mantém ainda como ponto de partida o grafite, o emprego de pintura em spray. O grafite se mantém como partida. Como consequência, os seus trabalhos são tridimensionais, ultrapassando em muitas ocasiões os limites do plano, convertendo-se em baixo-relevos e alto-relevos. Ruínas de edifícios, carros e fábricas, entre outros, misturam-se para criar um novo objeto artístico que denuncia desta forma os tantos desequilíbrios de uma sociedade passiva e mal educada.

Analizando as imagens dos trabalhos já realizados, há sempre algo que continua a transmitir, persistindo como obra de arte em si e mensagem virtualizada, transmitida. O conceito de história de Benjamim (1984), relaciona as imagens com seu passado, toda imagem tem um passado e especificamente no caso de Artur Bordalo II, o passado de algo em processo de extinção agora no presente e futuro próximo. Somos o resultado de nossas escolhas e o conceito de história está ligado à compreensão de que estas escolhas direcionam os eventos diários. Nossa futuro depende em parte das escolhas do passado e de como agimos agora no presente, ambos sempre se farão presentes no futuro próximo. Goethe (apud) contribui para o conceito de alegoria de uma forma interessante, o uso de conceitos numa obra de arte é condenável, não se aprova tal prática de forma explícita e proposital dentro dos padrões estabelecidos, mas como alegoria, o uso de conceitos é aceito e prática comum. Quando uma alegoria alcança também seu valor artístico, este se torna independente, distinto. Uma obra de arte nesta situação específica tem um duplo fim, expressar um conceito e uma idéia (Benjamim, 1984, pg 183)

A Alegoria (do grego "*allegoría*" que significa "dizer o outro") é um conceito filosófico e uma figura de retórica, utilizada em diversas artes (pintura, escultura, arquitetura, música, etc.) que significa literalmente, o ato de falar sobre outra coisa. Uma mensagem dentro da mensagem, mais especificamente, nas obras acima citadas, do nosso descaso como consumidores desenfreados.

A obra de arte é, com efeito, uma coisa, uma coisa fabricada, mas ela diz ainda algo de diferente do que a simples coisa é, ‘allo agoreuei’. A obra dá publicamente a conhecer outra coisa, revela-nos outra coisa: ela é alegoria. À coisa fabricada reúne-se ainda, na obra de arte, algo de outro. Reunir-se diz-se em grego *symballein*. A obra é símbolo.
(HEIDEGGER, 1992, p.13)

Acedia e antropocentrismo

Podemos definir a Acedia de várias formas, o conceito nos traz algo como um estado de apatia ou torpor, indiferença, de não se importar ou não se preocupar com a posição ou condição de alguém ou algo qualquer no mundo. Na Grécia antiga, a “*akidía*” significava literalmente um estado inerte sem dor ou preocupação. O material descartado habita a fronteira de dois mundos, possui uma condição ambivalente, ele é criatura, sujeito à natureza, sujeito ao e oriundo do, consumo humano desmedido, ele gera muito prazer e é soberano. Entretanto, uma vez estabelecido, atualmente, sua atuação é subjuguar a natureza e exterminar o entorno, estigmatizando os excessos no qual estamos inseridos como humanidade através da degradação. Poder de consumo é também poder financeiro, estabilidade, entretanto, estabilidade esta que atende apenas ao consumo e não às suas consequências, para estas existe a apatia e passividade.

No consumo enxergamos o antropocentrismo, a órbita em torno do homem, na degradação prevalece o biocentrismo, a órbita alocada no entorno do meio ambiente, no equilíbrio entre os dois surgem as indagações e inquietações na arte que nos leva à reflexão sobre nossas atitudes. Uma intervenção artística, representando um conceito, como alegoria, como objeto de consumo, que por sua vez demanda poder de compra.

A temática é ampla, entre obra de arte e alegoria, vale pontuar definições de Ferreira (Ferreira, 2016, p.75), pois em um contexto global, onde taxas de desemprego beiram o absurdo, certas artes e ofícios, passam a ser explorados profissionalmente, tornando-se carreiras. Para Ferreira, o movimento revela uma parceria íntima entre identidade e trabalho, onde jovens enxergam através da alegoria uma forma criativa de focar em temas polêmicos como forma de se estabelecer no mercado de forma autêntica e distinta, oferecendo um trabalho artístico muito

diferenciado, como uma marca registrada, fortalecendo suas expectativas, aspirações e carreira profissional. Nos propiciam assim também a possibilidade de um debate construtivo e agregador, construindo novos alicerces na educação.

A arte urbana é palco do encontro entre a ecologia e o meio ambiente, outro alicerce para uma discussão dentro da educação, nossa forma de interação como seres humanos com o ambiente é convite à toda a comunidade para reflexão, em variadas pautas cotidianas. Onipresentes, enquanto uma é a ciência da outra, percebe-se que os recortes estão entrelaçados com o cotidiano e dentro da contemporaneidade, o meio ambiente padece, aproximam-se todos do aqui e agora em prol de algo maior, num tempo próximo, nas mais diversas frentes de ação. Individualismo e coletivo, onde a minha liberdade de consumo esbarra na igualdade social, na sobrevivência em que o meio ambiente é um grande, senão maior protagonista. Ecologia, termo criado em 1869, por Ernst Heinrich Haeckel, cuja etimologia grega define oikos como casa e logos como estudo, (DI PACE, , M.; BARTRONS, H.C., 2004), pode ser conceituada como a ciência que “[...] enfatiza mais o estudo das estruturas, das redes, dos equilíbrios e dos ciclos do que as causas e os efeitos diretos, estudados pela física e pela química.” (CALLENBACH, E., 2001, p. 58).

94

Reflexões e futuro

Ao longo de todas as leituras realizadas, fica evidenciado o alcance deste tipo de trabalho, internacionalmente, ele ultrapassou há muito as barreiras físicas de seu local de origem, além dos muros onde as intervenções inicialmente se instalaram. Não apenas pelo tipo de construção e metodologia, mas também pelo tipo de mensagem transmitida, comum a todas as nações. Neste sentido, o meio ambiente, como coletivo, será sempre priorizado mesmo no capitalismo. Como alicerce de sustentação a longo prazo, é preciso não relativizar danos.

É fato que há diversas intervenções artísticas cujo objetivo é não relativizar a degradação ambiental, mas não encontrei trabalho similar, inserindo os rejeitos na texturização tridimensional de painéis de grafite. Há uma dimensão estética muito particular, uma plasticidade física dos materiais, modificados pelo padrão de construção, possibilitando assim o surgimento de áreas com baixos-relevos e altos-relevos intencionais, dando corpo, formato e

volume aos animais assim representados. O uso de tinta em spray, a origem do grafite em si, um sentido de emergência, suas características estão todas presentes nos trabalhos analisados. Por outro lado, é através do conceito de plasticidade também, nas conexões neurais, humanas, que novos comportamentos são aprendidos e o desenvolvimento humano torna-se um ato contínuo. Vivemos em eterno aprendizado, construindo uma outra forma de auto educação.

Quanto às mensagens absorvidas pelo público que o acolhe, a degradação ambiental é sempre o alicerce principal sobre o qual todos os sugestionamentos se iniciam. Há debate e reflexão no entorno de conceitos importantes como consumo, degradação ambiental, sustentabilidade e responsabilidade compartilhada. É uma forma de contrapor a ideia bem trabalhada e solidificada pela mídia, onde o consumir, ter além do ser, é sinônimo de felicidade. A arte como conceito, dentro da alegoria, como fonte de renda, como proposta pedagógica a serem trabalhados nas e pelas comunidades onde estas estão inseridas. É nítido como o uso de materiais descartados influencia o processo de evolução destas alegorias a um ofício comercial, através de suas mais diversas formas de expressão.

Didi-Huberman (2012, p.3) nos traz que não só olhamos a obra como ela também nos olha. E qual é o olhar que nos lança a arte de Artur Bordalo II, ou quais são os múltiplos olhares possíveis com os quais cada obra nos contempla, muito distantes da virtualidade digital e recursos tecnológicos, mas nos confrontando com a realidade descartada? E que olhares nós lhe lançamos? A troca de olhares, o diálogo do espectador com a obra é algo muito presente na arte contemporânea. É dessa troca, viva, dinâmica, que podem nascer discursos que estruturam a obra, que lhe dão a forma final e difundem um pensamento crítico transformador. Artur Bordalo II une a teoria à irreverência ao utilizar recursos outros, dentro do universo do descarte usando o grafite como base de sustentação, criando novas propostas de comunicação de forma muito exitosa, sendo seu próprio mestre, partindo de seu próprio ponto zero onde a criatividade é libertada de fronteiras sociais ou acadêmicas. Ele rompe barreiras conceituais em cada intervenção artística, é um trabalho denso e que possibilita inúmeras discussões dentro da educação, como recurso pedagógico. Atual, dinâmico, sustentável, questionador, real, nada tecnológico, alegórico, artístico, onde o que chamamos de “lixo” é abundante. Há uma poesia chamada “O Olhar”, de Manoel de Barros, onde ele relativiza a vida de uma garça que vive na

beira do rio, seu texto questiona de que forma priorizamos a devida importância de cada um, tal relativização pode ser trazida para este contexto, atualmente, o que chamamos de “lixo” habita nossas periferias, mas até quando é uma pergunta interessante, pois o “lixo” como insumo na arte já é realidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BARROS, Manoel., **Livro sobre nada.** Ed.Alfaguara, 2016
- CALLENBACH, Ernest. **Ecologia, um guia de bolso.** Ed. Peirópolis, 2001.
- CANCLINI, Néstor García. **Culturas híbridas, poderes oblíquos.** São Paulo: EDUSP, p. 283-350, 1997.
- DIDI-HUBERMAN, Georges. **Quando as imagens tocam o real.** PÓS: Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG, p. 206-219, 2012.
- DI PACE, Maria; BARTRONS, Horacio Caride. **Ecología de la ciudad.** Buenos Aires: Universidad Nacional de General Sarmiento, 2004.
- FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**, Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.
- HAECKEL, Ernst Heinrich Philipp August. **Anthropogenie.** W. Engelmann, 1877.
- HEIDEGGER, Martin. **A origem da obra de arte.** Edições 70, 1992.
- <https://www.iucnredlist.org/>
- OLALQUIAGA, Celeste. **Megalópolis: Sensibilidades Culturais Contemporâneas** São Paulo: Estúdio Nobel, 1998.